

## PRONOMES PESSOAIS: PROCESSOS DE GRAMATIZAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Gaylha Wégila de Oliveira <sup>1</sup>  
Marta Anaísa Bezerra Ramos <sup>2</sup>

### RESUMO

Ancorada na área da historiografia linguística, vertente de estudos que se volta à observação dos objetos de estudos linguísticos numa sequência temporal, de modo a apontar como eles foram vistos e representados em momentos distintos (BATISTA, 2013), objetivamos, neste artigo, analisar como os pronomes pessoais são definidos, classificados e representados em gramáticas em diferentes recortes temporais. Estudos sobre o português brasileiro demonstram uma contínua mudança nessa classe, em particular nos pronomes de 1ª pessoa do plural e 2ª pessoa do singular e plural, consequência da inserção do *you* e do *a gente* no sistema pronominal, o que nos motivou a investigar como essa classe gramatical é abordada em gramáticas dos séculos XIX, XX e XXI. Para isso, selecionamos uma pequena amostra constituída de três gramáticas representativas de cada século. A pesquisa toma como parâmetro os princípios de Contextualização, Imanência e Adequação, procedimentos postulados por Koerner (2014) e Swiggers (2009, 2010). Os resultados revelam uma gradativa mudança na forma de abordagem dos pronomes nessas gramáticas.

**Palavras-chave:** Pronomes pessoais, Historiografia linguística, Gramáticas.

### 1. INTRODUÇÃO

Desde as gramáticas do grego e latim até as gramáticas do português brasileiro, os pronomes são objeto de estudo, sendo categorizados de variadas formas, conforme a perspectiva de língua adotada pelos gramáticos. Essa classe vem constantemente sofrendo variação, reforçando a noção de que a língua exibe diferentes normas, fenômeno que não é registrado em todas as gramáticas.

Dessa forma, neste artigo, objetivamos investigar como o aspecto da variação na classe dos pronomes pessoais é registrado em diferentes gramáticas dos séculos XIX, XX e XXI, em virtude de alterações no sistema pronominal motivadas pela inserção dos pronomes *you* e *a gente* nessa categoria gramatical. Delimitamos, pois, para análise os pronomes de 1ª pessoa do plural - nós/a gente e 2ª pessoa do singular e plural - Tu/*you* (s).

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [gwegila@gmail.com](mailto:gwegila@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora Dr<sup>a</sup> da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [martaanaisa@gmail.com](mailto:martaanaisa@gmail.com);

A perspectiva de análise adotada se insere no campo da historiografia linguística, doravante (HL), que é concebida, segundo Swiggers (2010, p. 2), como “o estudo interdisciplinar do curso evolutivo do conhecimento linguístico”. Logo, é uma área que envolve outras, como as ciências da história, ciências sociais e linguística.

De acordo com Koerner (2014, p. 18), a historiografia linguística se constitui como uma investigação metodologicamente informada e a apresentação de acontecimentos passados na evolução da disciplina designada de ‘linguística’ ou ‘ciências da linguagem’”. Além disso, o autor chama a atenção para o conceito de historiografia linguística. Se, tradicionalmente, essa denominação se referia simplesmente à narração dos acontecimentos passados. Atualmente, porém, “deve ser entendida como uma atividade consciente metodológica e epistemologicamente da escrita da história, como a esperaríamos da historiografia de qualquer outra ciência”. (KOERNER, 2014, p. 18). Portanto, cabe ao estudioso compreender fatos e fenômenos linguísticos e como estes foram vistos e estudados ao longo da história linguística.

Contextualização, Imanência e Adequação são alguns dos princípios metodológicos apontados por Koerner (2014). O primeiro princípio está relacionado à relação entre as teorias linguísticas e o *clima de opinião*. Assim, as teorias linguísticas propostas em períodos anteriores têm relação com o *clima de opinião* geral do período. Portanto, as ideias linguísticas não se desenvolvem independentemente de outras correntes intelectuais, mas têm relação com o modo de pensar intelectual que norteia um período de tempo.

O segundo princípio relaciona-se à compreensão completa do texto linguístico, levando em consideração aspectos históricos, críticos e filológicos, sendo importante o historiógrafo abstrair-se da sua própria formação linguística e dos compromissos atuais na linguística. “O quadro geral da teoria a ser investigada, assim como a terminologia usada no texto, devem ser definidos internamente e não em referência à doutrina linguística moderna”. (KOERNER, 2014, p. 59). Quanto ao terceiro princípio diz respeito à tentativa de associação de termos modernos aos encontrados em gramáticas antigas. Assim, só após uma dada manifestação linguística ter sido compreendida em seu contexto histórico original, o historiógrafo pode aventurar-se a introduzir aproximações modernas do vocabulário técnico e do quadro conceptual apresentado na obra em questão.

Na visão de Batista (2013, p. 38), a historiografia é “uma construção discursiva analítica da história” que se volta à observação dos objetos de estudo linguísticos ao longo do tempo, apontando como eles foram vistos e representados em momentos distintos.

Além dessas considerações introdutórias e da conclusão, o artigo compreende a seção 2, a seguir, que trata dos aspectos metodológicos e a seção 3, em que descrevemos a abordagem dos pronomes no recorte temporal delimitado, momento em que discutimos os dados.

## METODOLOGIA

A amostra delimitada para análise corresponde a um *corpus* constituído de nove (9) gramáticas da língua portuguesa, produzidas por autores brasileiros. Selecionamos três (3) gramáticas de cada século, com base em dois critérios: a data de publicação, com o propósito de apresentar gramáticas do início e do final de cada século; e o reconhecimento das gramáticas, em função dos autores mais representativos desse recorte temporal, como demonstra o quadro:

**Quadro 1:** Gramáticas representativas de cada século

| <b>SÉCULO XIX</b>  |  |
|--------------------|--|
| 1.                 | Epítome da Grammatica da Língua Portuguesa, de Antonio de Moraes Silva (1806)    |
| 2.                 | Compendio da Grammatica Portuguesa, de Antonio da Costa Duarte (1829)            |
| 3.                 | Nova Grammatica Analytica da Lingua Portuguesa, de Andrien Olivier Grivet (1881) |
| <b>SÉCULO XX</b>   |  |
| 4.                 | Grammatica Expositiva, de Eduardo Carlos Pereira (1907)                          |
| 5.                 | Grammatica Portuguesa, de Dr. Alfredo Gomes (1913)                               |
| 6.                 | Gramática Metódica da Língua Portuguesa, de Napoleão Mendes de Almeida (1999)    |
| <b>SÉCULO XXI:</b> |  |
| 7.                 | Gramática Escolar da Língua Portuguesa de Evanildo Bechara (2010)                |
| 8.                 | Gramática normativa da língua portuguesa de Rocha Lima (2011)                    |
| 9.                 | Gramática Houaiss da língua portuguesa de José Carlos de Azeredo (2021)          |

Fonte: (Elaborado pela autora a partir da definição do corpus)

Para atender ao objetivo proposto, averiguamos inicialmente os conceitos e classificações dos pronomes pessoais por gramática, fazendo em seguida à comparação quanto ao tratamento dos pronomes pessoais nas nove gramáticas consultadas.

## O TRATAMENTO DOS PRONOMES PESSOAIS EM DIFERENTES GRAMÁTICAS

As primeiras gramáticas brasileiras, ou seja, escritas por autores brasileiros e publicadas em território nacional datam do século XIX, período que coincide com o advento da imprensa no Brasil. A mudança territorial em termos de autoria das gramáticas representa, segundo

Orlandi (2002, p. 159), um deslocamento de autoridade sobre dizer como é essa língua. A partir das primeiras gramáticas brasileiras, temos a instrumentalização da língua nacional, representando a nação e seus falares, portanto, representando o seu povo. Entretanto, essas novas gramáticas ainda trazem resquícios da maneira de representação linguística realizada pelos portugueses, ao determinar as regras de “bom uso” da língua e do bem falar/escrever. Nessa fase, as questões específicas do falar do português no Brasil são periféricas.

Epítome da Grammatica da Lingua Portugueza, de Moraes Silva (1806), apesar de publicada em Portugal, é o primeiro trabalho sobre descrição do português escrito por autor brasileiro. Trata-se de uma obra oitocentista, que, de acordo com Cavaliere (2006, p. 537-539), tem caráter setecentista, pois as ideias nela presentes são construídas pelo autor mediante leituras de autores do século anterior ao de sua publicação. Segundo Cavaliere, por se constituir em texto exageradamente purista, esta importante obra não teve muito reconhecimento no cenário dos estudos, sendo classificada como racionalista. São racionalistas as gramáticas “seguidoras do pensamento de Port Royal, do pensamento gramatical francês dos séculos XVII e XVIII (Condillac, Beauzée, Guébelin, entre outros) e de gramáticos portugueses do primeiro período oitocentista” (BORGES NETO, 2018, p. 262).

Cavaliere (2001) classifica os estudos gramaticais no Brasil de acordo com o período em: embrionário (do descobrimento até 1802); racionalista (de 1802 a 1881), científico (de 1881 a 1941) e período linguístico (de 1941 até os nossos dias). E ressalta a importância de compreendermos o clima de opinião da época em que a gramática é produzida e publicada, ou seja, para o pensamento generalizado e o ambiente sociocultural que circundam a obra. Fazendo a relação com as gramáticas consultadas, percebemos que as ideias linguísticas no final do século XX e início do século XXI são mais próximas, o que se percebe nas escolhas de nomenclatura e classificação se comparadas às empregadas nas gramáticas do século XIX.

Na primeira gramática citada, do século XIX, Moraes Silva (1806, p. 19) estabelece a relação entre a classe dos pronomes e a dos nomes: “Nós em Portuguez temos alguma semelhança de casos nos nomes seguintes, que os Grammaticos chamão Pronomes. Eu nome, com quem fala de si se nomeya, em lugar do seu nome próprio, tem as variações Me, Mim, Migo no singular”. Quanto à primeira pessoa do plural, é utilizada quando alguém afirma alguma coisa de si e de outros, sendo *Nos e Nosco* as formas variantes. A segunda pessoa é representada pelas formas: *tu, te, ti, tigo*, no singular e, *vós, vos, vosco*, plural. E a terceira pessoa, pelo pronome *Elle*. Vale salientar que essa gramática não apresenta as subclassificações dos pronomes, como as atuais gramáticas, que trazem as denominações: pessoal, possessivo, demonstrativos e etc.

A segunda gramática dessa fase, *Compendio da Grammatica Portugueza*, de Antonio da Costa Duarte (1829, p. 25), é considerada uma das primeiras gramáticas filosóficas publicadas no Brasil. Nessa gramática, os artigos, pronomes e “participios” constituem uma única classe, a dos adjetivos. Cabe destacar que a categoria que hoje conhecemos como pronomes pessoais era denominada pelo autor como “demonstrativos pessoas” em oposição aos “demonstrativos puros”, correspondentes aos pronomes demonstrativos propriamente ditos.

“Demonstrativos Pessoas são uns adjectivos, que fazem com que os nomes a que se ajunctão, ou a que se referem, sejam uma das três pessoas, ou cousa que lhes pertença”. (DUARTE, 1829, p. 25). Assim, *Eu, nós, tu, vós, ele, ella, elles e ellas* classificam-se como *demonstrativos pessoais primitivos*. O pronome *si* é denominado de pronome recíproco, fazendo referência à terceira pessoa do singular. Apesar de não ser foco desse estudo, cabe lembrar que à classe dos possessivos tal como conhecemos hoje era atribuída a denominação *demonstrativos derivados*.

Finalizando esta seção, temos a *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* de Andrien Olivier Grivet (1881), cuja terminologia demonstra um afastamento da abordagem filosófica/racionalista. Nesta gramática, os pronomes pessoais constituem uma classe autônoma, distinta das demais. Assim, os pronomes: *Eu e nós, tu e vós, elle (ella) e elles (ellas)* são chamados de *pronomes conjugativos*. Acrescente-se que os pronomes *eu e tu, nós e vós* só se prestam para representar pessoas, enquanto os pronomes *elle (ella) e elles (ellas)* podem representar pessoas ou coisas.

Se nas duas primeiras gramáticas não há menção ao “você” e ao “a gente” como pronomes pessoais, Grivett (1881) já reflete sobre esses usos em território brasileiro, que não condizia com a realidade linguística trazida de Portugal: “se tivera prevalecido outr’ora na linguagem castiça a locução « a gente », de que tanto usa o povo illetrado, nella teria a lingua portugueza um equivalente muito apreciável do on francez; infelizmente o seu vulgarismo fê-lo repelir”. (GRIVETT, 1881 p. 438). O termo *gente* aparece apenas com sua função prototípica: substantivo. A referência ao uso de *a gente* como próprio do povo não letrado deixa implícita a noção de que em situação de formalidade, em que seria necessário domínio da norma, o termo não era utilizado, sendo, pois, um uso estigmatizado. A imagem abaixo compreende a descrição do autor:

**Imagem 1:** Pronomes pessoais em *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*

| SINGULAR             |                      |                      | PLURAL               |                      |                      |
|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| 1. <sup>a</sup> pes. | 2. <sup>a</sup> pes. | 3. <sup>a</sup> pes. | 1. <sup>a</sup> pes. | 2. <sup>a</sup> pes. | 3. <sup>a</sup> pes. |
| (1) eu,              | tu,                  | elle (ella);         | nós,                 | vós,                 | elles (ellas).       |
| (2) me,              | te,                  | se;                  | nos,                 | vos,                 | se.                  |
| (3) mim,             | ti,                  | si;                  | nós,                 | vós,                 | si.                  |
| (4) .....            | .....                | o (a);               | .....                | .....                | os (as)              |
| (5) .....            | .....                | lhe;                 | .....                | .....                | lhes.                |
| (6) .....            | .....                | elle (ella);         | .....                | .....                | elles (ellas).       |
| (7) .....            | .....                | o (estav.)           | .....                | .....                | .....                |

Fonte: (Grivett, 1881)

Da comparação entre as três obras analisadas do século XIX, percebemos pouca a variação quanto à classificação das formas de 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoas.

Com relação às gramáticas do século XX, já se registra uma mudança na forma como são feitas. Nesse novo paradigma, as primeiras gramáticas desse século XX são vistas, nas palavras de Vieira (2016, p. 19), como “arte” ou como “ciência”. Segundo Bastos (2012, p. 242), neste século, surge um novo modo de pensar a Ciência da Linguagem, principalmente a partir da década de 1920, quando estudiosos fazem a distinção entre Linguística Geral e Linguística histórica. “O apego aos estudos históricos devia-se ao fato de as influências do século XIX estarem em vigência no início do século XX em que se apregoava que a Linguística tinha nascido da Filologia, dela não podendo prescindir”. (BASTOS 2012, p. 243).

O momento histórico do Brasil no início do século XX, especialmente na década de 1930, figurava o início do governo Vargas e funda-se o Brasil moderno que tenta se desvincular de Portugal também em suas produções intelectuais e artísticas. Uma das gramáticas que representam este século é a Grammatica Expositiva, de Eduardo Carlos Pereira, publicada em 1907, em cujo prólogo traz a seguinte exposição, que sugere uma ruptura com antigas tradições:

“A boa regencia de nossa cadeira de portuguez no Gynnasio Official da cidade de S. Paulo, nos levou ao presente trabalho. Depois que Júlio Ribeiro imprimiu nova direcção aos estudos grammaticaes; romperam-se os velhos moldes, e estabeleceu-se largo conflito entre a eschola tradicional e a nova corrente”. (PEREIRA, 1907, p. 07).

O autor diz apoiar-se em duas correntes para a elaboração de sua gramática. A corrente moderna, que leva em consideração aspectos históricos da língua e a corrente tradicional, que vê a língua como expressão do pensamento; portanto, a gramática seria uma resposta a esse pensamento de maneira materializada.

Os pronomes são referidos por Pereira (1907, p. 83) como “palavra que tem por função designar os seres pelas suas relações com a *pessoa gramatical*”. Ao classifica-los, o autor propõe a distinção entre pronome substantivo e pronome adjetivo. Pronome substantivo, ou propriamente pessoal, é o que “indica o ser pela simples relação de pessoa”, subdividindo-se em pessoal do *caso reto* e pessoal do *caso oblíquo*. Pronome adjetivo é o que “se põe em lugar

de um substantivo ou seu equivalente na terceira pessoa gramatical, ajunctando-se uma limitação, isto é, o que além da qualidade de substantivo pronominal, resume a função adjetiva de um determinativo”. São exemplos dessa categoria os itens *aquillo, isso, que*. O quadro abaixo traz a representação dos pronomes pessoais:

**Imagem 2:** Representação dos pronomes pessoais na Grammatica Expositiva

| <b>Casos rectos</b> |                       |             | <b>Casos obliquos</b> |       |                    |
|---------------------|-----------------------|-------------|-----------------------|-------|--------------------|
| Sing.               | 1. <sup>a</sup> pess. | — eu        | me,                   | min,  | migo               |
| Plur.               | »                     | » nós       | nos,                  | noseo |                    |
| Sing.               | 2. <sup>a</sup>       | » tu        | te,                   | ti,   | tigo               |
| Plur.               | »                     | » vós       | vos,                  | vosco |                    |
| Sing.               | 3. <sup>a</sup>       | » elle, a   | o,                    | a,    | lhe, se, si, sigo  |
| Plur.               | »                     | » elles, as | os,                   | as,   | lhes, se, si, sigo |

Fonte: Pereira (1907, p.84)

Após a exposição do quadro geral de classificação, o autor cita a forma *você*, (derivada de *vossa mercê, vosmecê*) como uma possibilidade de substituição à **2ª pessoa**. Essa atitude demonstra que as mudanças não se dão de forma tão abrupta de um século para outro, mas de forma gradativa. O autor também apresenta o *você* como pronome de reverência ou tratamento, no grupo de pronomes tais como: V. S<sup>a</sup>, V. M, V. Ex<sup>a</sup>. Apesar de poder referir-se à 2ª pessoa, gramaticalmente se classifica como pronome de 3ª pessoa. Assim, argumenta que “não só devem os verbos de que são sujeitos concordar com elles na 3ª pessoa, mas ainda nessa mesma pessoa acomodar-se os pronomes oblíquos e os possessivos que a eles se referem”. (PEREIRA, 1907, p.286). Portanto, apesar de mencionar a possível substituição do *tu* por *você*, o autor não categoriza este último pronome como pessoal, mas de tratamento.

Na segunda gramática representativa desse século, a Grammatica Portugueza, de Alfredo Gomes, assim é definido o pronome: “palavra que substitui o nome” (GOMES, 1973, p. 42-43). Os pronomes pessoais, por sua vez, correspondem às pessoas do discurso: a primeira pessoa é a que fala, a segunda é com quem se fala e a terceira é de quem se fala. No quadro abaixo estão dispostos os pronomes pessoais e as formas variantes.

**Quadro 2:** Os pronomes pessoais e formas variantes em Grammatica Portugueza

|           |   |
|-----------|---|
| 1ª pessoa | Eu, que varia em me, mi, mi (m). Nós, que varia em nos.                         |
| 2ª pessoa | Tu, que varia em te, ti. Vós, que varia em vos.                                 |
| 3ª pessoa | Elle, ella, que variam em lhe, o, a. Elles, ellas, que variam em lhes, os, as.. |

+ Pronome pessoal de 3ª pessoa que exerce ordinariamente função reflexiva  
— se, e varia em si

---

Fonte: Gomes (1913, p. 43)

Após a exposição dos pronomes, Gomes (1913) reflete sobre o uso do *você* e, da mesma forma que Pereira () apresenta-o como forma alternativa à segunda pessoa, mas ainda o concebe oficialmente como forma de tratamento. E em relação à forma *a gente*, é apresentada, na parte destinada às irregularidades e curiosidades, como forma pronominal, esclarecendo que tal forma leva o verbo à primeira pessoa do plural: “a gente comemos, como sendo « a gente » igual a nós”. (GOMES, 1913, p. 412).

Almeida (1999), na Gramática metódica da língua portuguesa, alerta, no prefácio, para a urgência de entendermos que “Gramática não é ensinar História Geral” e que “entre o fato histórico e o fato linguístico muita diferente há de objeto, de método de exposição e principalmente, de maneira de aprender”. Percebe-se, pois, uma ruptura com a linguística histórica.

Almeida (1999, p. 170) define o pronome como “a palavra que ou substitui ou pode substituir um substantivo” e acrescenta, em relação ao pronome pessoal, que ao mesmo tempo que substitui o nome o põe em relação com as três pessoas gramaticais (ou do discurso): a pessoa que fala, a pessoa com que fala ou a quem se dirige e a pessoa de quem se fala. O autor ainda distingue entre os pronomes pessoais: *reto* (pronome sujeito), *oblíquo* (pronome complemento) ou *de tratamento*.

O autor comenta, em nota de rodapé, ainda sobre um caso de variação de uso, típico no Brasil, relativo à presença do pronome reto em contexto que exige o pronome oblíquo, esclarecendo que se trata de um uso inadequado, que se apresenta na conversação, inclusive por aqueles mais letrados, que têm domínio da norma culta.

“No Brasil, até mesmo entre doutos, comete-se na conversação o comezinho erro de dar para o objeto direto o pronome do caso reto (caso nominativo, caso do sujeito), ouvindo-se a cada passo solecismos como estes: “Só vejo ele tarde” – “Pegue eu” - “Olhe ele ali” (ALMEIDA, 1999, p. 172).

A respeito do pronome *você*, o autor caracteriza-o como de tratamento e faz uma ligeira observação para a diferença de uso em comparação ao português de Portugal; menciona a alteração fonética quando da flexão de plural, sem, contudo, refletir sobre o seu funcionamento. Por fim, reconhece o *a gente* como pronome, e esclarece que se deve escrever separado e traz o exemplo: “*A gente não faz isso por gosto*”.



Antes de analisar a abordagem dos pronomes nas gramáticas do século XXI, cabe destacar uma afirmação feita por Vieira (2016, p.31): “desde a década de 1960, a crítica à doutrina gramatical tradicional e a seu ensino começou a ser produzida no meio acadêmico”. Isso consistiu na “*virada linguística*”, iniciada no final do século XX e consolidada no século XXI. Desse modo, as reflexões das diversas correntes linguísticas estudadas no Brasil e no mundo sobre essas gramáticas e sobre as perspectivas de ensino resultaram em uma significativa mudança no olhar lançado sobre a língua e na forma de produzir gramáticas.

Nossas observações sobre o comportamento dos pronomes, nesse século, iniciam com a Gramática Escolar da Língua Portuguesa, de Evanildo Bechara, de 2010. Considerado um gramático de linha tradicional por alguns estudiosos como Preti (1998), o autor não propõe grandes inovações, mas já contempla os usos vigentes e realiza observações sobre eles.

Bechara (2010, p. 130), define pronome como “a classe de palavra que se refere a um significado léxico indicado pela situação ou por outras palavras do contexto”. Ao definir o pronome pessoal, distingue as noções de pessoa e não pessoa do discurso. Por “não pessoa” entende o “não eu, não tu”, noção herdada do linguista francês Benveniste (1991). Na tradição, essa “não-pessoa” corresponde à 3ª pessoa, que é aquela de quem se fala, que não interage diretamente no discurso produzido. Assim como ocorre em gramáticas de períodos anteriores, Bechara expõe um quadro descritivo em que distribui os pronomes retos e oblíquos (que se assemelha ao de Almeida, 1999).

Apesar de as formas *a gente* e *você* não constarem no quadro descritivo proposto por Bechara (2010, p. 133-134), a respeito do primeiro, ele comenta que “existem ainda formas substantivas de tratamento indireto de 2ª pessoa que levam o verbo para a 3ª pessoa. São as chamadas *formas de tratamento ou formas pronominais de tratamento*”. E acrescenta que “a estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverências”; sobre o segundo elemento, o *você*, afirma ser hoje usado familiarmente, como redução da forma de reverência *vossa mercê*; e em virtude do pouco uso da forma *vós* pelos brasileiros, emprega-se *vocês* como forma plural de *tu*.

Na Gramática normativa da língua portuguesa, de Rocha Lima, consta a seguinte definição de pronome: “palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso”. (ROCHA LIMA, 2011, p. 156). Quanto aos pronomes pessoais, relacionam-se às pessoas a que se referem, ou “palavras que representam as três pessoas do discurso” e as indicam “sem nomeá-las”, a saber: *eu, nós, tu, vós, ele (s), ela (s)*. Além disso, o autor classifica os pronomes pessoais quanto a sua função na oração. Os retos exercem função

de sujeito, os oblíquos, função de objeto. Da mesma forma que os outros autores citados, subclassifica os oblíquos em átonos e tônicos.

Quanto ao *você*, apresenta-nos em referência à 2ª pessoa do discurso, considerando como forma alternante para representar a segunda pessoa, mas que leva o verbo para a terceira: “Há alguns pronomes de segunda pessoa que requerem para o verbo as terminações da terceira. Tais como: *você, vocês*” (ROCHA LIMA, 2011, p. 158). O termo *a gente* não recebeu classificação definitiva nessa gramática, embora apareça na função de 1ª pessoa do plural para exemplificar usos de outros contextos gramaticais, a exemplo de “*Se a gente não envelhecesse*” (p. 346), em que ocorre a conjunção condicional *se*: Uma vez que na seção de pronomes não há menção ao “*a gente*”, parece prudente compreender que o autor não reconhece o “*a gente*” como um uso, ou norma esperada e que deva ser ensinada.

Ao refletir sobre o emprego dos pronomes, Rocha Lima (2011) descreve alguns usos variantes na língua falada, como o pronome *você*, a variação entre *conosco* e *com nós*, *si* e *consigo*, mas mantêm-se sempre na defesa, ainda, de uma norma em relação aos demais. Percebemos, pois, que o autor é bastante fiel ao padrão de nomenclatura e visão de língua e gramática estabelecidos com a Norma Gramatical Brasileira.

Finalizando o estudo das gramáticas do século XXI, temos a Gramática Houaiss da Língua portuguesa, de José Carlos de Azeredo, de 2021. Na página de apresentação desta gramática, consta que será descrita a variedade padrão escrita do português em uso no Brasil, informação importante por sinalizar que se trata de uma gramática baseada em usos comuns no contexto brasileiro e que podem estar em desacordo com a norma culta padrão estabelecida nas gramáticas mais tradicionais. Sobre a escolha da norma, o autor se justifica se tratar de uma variedade da língua entre outras e argumenta “que muitos usuários da língua portuguesa pertencentes à ampla comunidade culta – e sobretudo os detentores de conhecimento especializado sobre os assuntos de uma gramática – terão opiniões diferentes” (AZEREDO, 2021, p. 27 ), mas justifica que isso não é um problema, já que não há um consenso entre os gramáticos e os linguistas quanto a essa questão das escolhas linguísticas, suas variações e normas adotadas como modelo.

Azeredo (2021, p. 187) conceitua pronomes pessoais “como as palavras gramaticais cuja função referencial é identificar as pessoas do discurso”. E refletem “a propriedade que tem a língua de permitir que o enunciador se refira a si próprio e aos personagens do ato comunicativo, não como indivíduos, mas apenas como participantes do discurso”. Para Azeredo, não apenas as formas pessoais retas e oblíquas já categorizadas pelos gramáticos citados neste texto fazem parte do quadro dos pronomes pessoais, estão incluídas nesta classe os demonstrativos e os

possessivos, pois todos eles “fazem referência às pessoas do discurso” O autor acrescenta que as formas de 3ª pessoa (*ele/ela, eles/elas*) “são as únicas que variam em gênero. E as formas *eu/nós* e *você/vocês/tu/vós* referem-se a seres como atores da interlocução” (AZEREDO, 2021, p.187). Com relação às funções sintáticas assumidas pelos pronomes pessoais, discorre que “os pessoais são a única classe que apresenta formas distintas para os três grupos de funções: retos (função de sujeito), oblíquos átonos (função de complemento direto e adjunto) e oblíquos tônicos (função de complemento indireto e adjunto necessariamente precedido de preposição)”. (AZEREDO, 2021, p. 187).

O autor se refere ao *a gente* como forma variante da 1ª pessoa do plural: “os brasileiros empregam em geral a forma *a gente*, especialmente na língua falada semiformal e informal, como equivalente a nós” (p. 188). Esses usos do *a gente* em substituição ao nós se faz “com valor genérico/indeterminado, seja para referência dêitica situacionalmente identificada. Portanto, o autor amplia a abordagem ao considerar o uso do item como estratégia de indeterminação, além do uso com referência definida dentro de um contexto de interação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das descrições feitas nas nove gramáticas consultadas sobre os pronomes permitiu-nos observar um distanciamento entre as classificações e nomenclaturas presentes em gramáticas do século XIX e as utilizadas em gramáticas mais recentes. Só em 1959, com a definição da NGB, se dá uma maior padronização de termos, o que já pode ser observado na proximidade de nomenclaturas das gramáticas do século XXI citadas. Vale lembrar que há algumas divergências conceituais, em virtude das diferentes filiações teóricas. Além disso, as gramáticas do século XXI, ditas modernas, influenciadas pelas mais diversas correntes linguísticas e seus estudos em curso no Brasil, aparentam maior receptividade e aceitação em relação à variação e mudança da língua. A análise sobre o processo de gramatização dos pronomes *você* e *a gente* revelou ainda que as ideias linguísticas acerca dos pronomes foram se alterando de um século para outro, com isso o uso de formas que eram consideradas verdadeiras anomalia na língua passam a ser compreendidas como formas alternativas de representação das pessoas do discurso.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo, 1999.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 5 ed – São Paulo: Parábola, 2021.

BASTOS, Neusa. **Classes gramaticais: um tratamento historiográfico–século XX**. 2012.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **História entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX**. 2010.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **Introdução à historiografia da linguística**. São Paulo, 2013.

BECHARA, Evanildo. **Gramática Escolar da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENVENISTE, E. **Estrutura das relações de pessoa no verbo**. In: Problemas de Lingüística Geral I. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991.

CAVALIERE, Ricardo. **Uma proposta de periodização dos estudos linguísticos no Brasil**. Revista Alfa, n, 45, 2001.

CAVALIERE, Ricardo. **Antonio de Moraes Silva e os estudos gramaticais do século XVIII**. Thielemann W, organizador. Século das Luzes: Portugal e Espanha, o Brasil e a Região do Rio da Prata. Frankfurt am Main: TFM–Teo Ferrer de Mesquita, p. 537-540, 2006.

DUARTE, Antonio da Costa. **Compendio da Grammatica Portugueza**. Maranhão: Typographia Nacional, 1829.

GOMES, A. A. **Grammatica Portugueza**. 15 ed. 1913.

GRIVET, A. **Nova Grammatica Analytica da Lingua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger e filhos, 1881.

KOERNER, Ernst Frideryck Konrad. **Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados**. Vila Real, 2014.

LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 49ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ORLANDI, E. **Língua e Conhecimento Lingüístico**. São Paulo: Cortez, 2002.

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Grammatica Expositiva**. São Paulo: Weiszflog Irmãos e Companhia, 1907.

SILVA, António de Moraes. **Epitome da grammatica da lingua portugueza** / Antonio de Moraes Silva. - Lisboa: na Off. de Simão Thaddeo Ferreira, 1806.

SWIGGERS, P. **História, Historiografia da Linguística: status, modelos e classificações**. Tradução de Cristina Altman. Eutomia (Revista online), p. 1-17, 2010. Disponível em: [https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1702/1289]. Acessado em: 27 de agosto de 2022.